
A UNIDADE DA GEOGRAFIA: A VISÃO DE CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO¹

Francisco de Assis **VELOSO FILHO**

Professor titular da Universidade Federal do Piauí, atuando junto à Coordenação do Curso de Geografia e ao Programa de Mestrado em Geografia.

aveloso@ufpi.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/7661414820168309>

O geógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro é natural da cidade de Teresina, Piauí, graduou-se em Geografia e História pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde obteve o bacharelado (1949) e a licenciatura (1950).

Especializou-se em Geografia Física pelo Instituto de Geografia da Universidade de Paris, Sorbonne, França, com estágios em outros institutos daquela universidade, no período de 1951 a 1953.

Doutorou-se em Geografia pela Universidade de São Paulo, com a Tese “A Frente Polar Atlântica e as Chuvas de Inverno na Vertente Sul Oriental do Brasil”, em 1967.

Obteve a Livre-Docência nessa mesma universidade, com a Tese “Teoria e Clima Urbano”, no ano de 1975.

Realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade de Tsukuba, Japão, com a pesquisa “On the “Desertification” in Northeast Brazil and Man’s Role in this Process” (1988), entre 1982 e 1983.

Foi eleito sócio efetivo da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em 1961. É membro da Academia de Ciências do Estado de São Paulo.

Participou de diversos congressos da União Geográfica Internacional e integrou as comissões “Environmental Problems” e “Geographical Monitoring and Forecasting”, entre 1976 e 1988.

Foi homenageado como professor emérito pelas Universidades Federais de Santa Catarina e da Bahia e pela USP.

Em 2000, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

A nossa Universidade Federal do Piauí também concedeu ao prof. Carlos Augusto o título de Doutor *Honoris Causa*, no ano de 2007.

Iniciou suas atividades profissionais, ainda estudante, como Auxiliar de Geógrafo, no Conselho Nacional de Geografia, atual Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1947, onde trabalhou por vinte anos.

O magistério em Geografia começou na Faculdade Catarinense de Filosofia, Florianópolis, em 1955.

Teve seqüência na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, em Rio Claro, entre 1960 e 1964, e no Instituto de Ciências da Universidade de Brasília, no biênio 1966-67.

Foi professor na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, onde trabalhou de 1968 a 1987, quando se aposentou, aos 60 anos de idade. Nessa mesma universidade dirigiu o Laboratório de Climatologia do Instituto de Geografia, entre 1984 e 1987.

Continuou como professor de Geografia em programas de pós-graduação nas Universidades Federais de Santa Catarina e de Minas Gerais, entre 1987 e 1990,

Foi Professor Visitante na Faculdade Internacional de Estudos Culturais, da Universidade de Tenri, Província de Nara, Japão, de 1995 a 1997.

Nessas atividades de magistério, lecionou principalmente disciplinas de Geografia Física, como Climatologia, Fisiologia da Paisagem, Geomorfologia, Biogeografia, Conservação dos Recursos Naturais e Qualidade Ambiental, tanto em cursos de graduação, como em programas de pós-graduação.

Atuou também como profissional (consultor) na elaboração de estudos geográficos aplicáveis na conservação do meio ambiente e no planejamento territorial, em diversas unidades da federação.

A primeira experiência aconteceu logo no início de sua carreira, quando participou do grupo de trabalho organizado pela Fundação Getúlio Vargas e pelo IBGE, sob coordenação do prof. Francis Ruellan, para estudo da localização da nova capital da República.

Colaborou em levantamentos para o planejamento urbano junto ao Escritório Arquiteto Joaquim Guedes&Associados, em projetos urbanísticos elaborados nas cidades de Marabá (1973) e Barcarena (1979), ambas no Pará, e em Caraíbas (1985), na Bahia.

Em São Paulo, participou de estudo de viabilidade para implantação de um distrito industrial em Santos (1968), de projeto para implantação de um parque metropolitano em São Caetano (1972) e de plano de urbanização do litoral norte do Estado (1973).

Assessorou a Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia da Bahia por quase uma década. Essa parceria compreendeu a elaboração do Atlas Climatológico da Bahia (1976), o levantamento do uso da terra e da qualidade ambiental na região central do Estado (1978 e 1981) e um estudo da qualidade ambiental na Grande Salvador e no Recôncavo Bahiano (1984).

Em seus escritos, enfatiza a influência dos mestres franceses na sua formação e em suas pesquisas. Destaca a concepção integradora da Ciência Geográfica (Terra – Homem) estabelecida por Paul Vidal de La Blache, a sistematização da Geografia Física empreendida por Emmanuel de Martonne e as referências metodológicas elaboradas por Maximilien Sorre, inclusive para o estudo geográfico do clima.

Destacou em sua obra a importância dos aspectos metodológicos da Ciência e do intercâmbio de idéias e de experiências entre profissionais de diferentes países.

Na Geografia Física, apontou como avanços marcantes o estudo integrado de paisagens, o estudo da dinâmica dos processos e a abordagem de sistemas, a partir de contribuições iniciais de geógrafos alemães, franceses e russos, incorporadas e reelaboradas pela comunidade geográfica no Brasil.

A sua Tese de Doutorado “A Frente Polar Atlântica e as Chuvas de Inverno na Vertente Sul Oriental do Brasil” (1967) e a Tese de Livre-Docência “Teoria e Clima Urbano” (1975) representam a sua abordagem do estudo geográfico do clima.

A pesquisa de Pós-Doutorado na Universidade de Tsukuba, “On the “Desertification” in Northeast Brazil and Man’s Role in this Process” (1988), exemplifica uma abordagem sistêmica de um problema geográfico.

Além dessas contribuições acadêmicas especializadas e dos estudos voltados para a conservação do meio ambiente e para o planejamento territorial, o prof. Carlos Augusto realizou pesquisas nos campos da epistemologia da Geografia e das vinculações dessa ciência com as Artes.

Suas incursões nessas áreas decorrem de reflexões a respeito do exercício profissional e da prática de ensino, que se tornaram mais efetivas após sua aposentadoria na USP.

A primeira contribuição específica quanto à metodologia da Geografia foi dada no 3º Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Fortaleza, Ceará, em 1978, com o trabalho “Apontamentos para uma Avaliação da Geografia no Brasil (1934-1977)”.

Dez anos depois teria artigo publicado em número comemorativo do cinquentenário da Revista Brasileira de Geografia, editada pelo IBGE, ao lado de geógrafos como Aziz Nacib Ab’Saber, Bertha K. Becker, Pedro Pinchas Geiger e Speridião Faissol: “Travessia da Crise (tendências atuais na Geografia)”.

Seu livro *Geossistemas – a história de uma procura* (São Paulo: Contexto, 2000) também pertence a essa vertente dos seus trabalhos.

Os primeiros textos sobre o geográfico em obras literárias foram elaborados logo após sua aposentadoria, em 1987, a partir da análise de obras de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Aluísio de Azevedo e Gilberto Freyre.

Como resultado desses estudos, dentre outros eventos, participa assiduamente das “Semanas Roseanas”, realizadas em Cordisburgo, terra natal do escritor, e em seminários promovidos pela PUC – Belo Horizonte.

A segunda estada no Japão, como Professor Visitante na Universidade de Tenri, também foi dedicada ao tema Geografia – Literatura.

Os resultados desses trabalhos foram reunidos no livro *O Mapa e a Trama. Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*, publicado pela Editora da UFSC, em 2002.

No seu penúltimo livro - *Geografia Sempre. O Homem e seus Mundos* (Campinas: Edições Territorial, 2008), esses dois temas reúnem os capítulos constituintes: “Conjecturas Geográficas” e “Espaço Geográfico e Arte”. Nessa segunda parte, além da literatura, o autor envereda na busca das relações entre essa ciência e o cinema e a pintura, tendo como ponto central das discussões um documentário do jovem cineasta catarinense José Rafael e as obras de Miguel Dutra, artista paulista do século XIX.

Desse livro, destaquei dois trechos, em que o próprio homenageado avalia sua contribuição e sintetiza a sua interpretação sobre a Geografia.

“... aposentei-me aos sessenta (60) anos de idade em março de 1987. A aposentadoria não significou uma “parada” em minhas atividades. Quis apenas significar uma “mudança”. Embora não tenha deixado de “produzir” – ao contrário, tenho trabalhado muito desde então, - iniciei outra fase, que é a atual, que eu prefiro designar como sendo de REFLEXÃO.” (MONTEIRO, 2008, p.22).

[...]

“O que realmente caracteriza as reflexões diz respeito às obras que realizei dando um balanço autocrítico sobre o meu desempenho passado, o que se materializou nas obras “Clima e Excepcionalismo” (MONTEIRO, 1991) e “Geossistemas: a história de uma procura” (MONTEIRO, 2000).

Uma realização que não deixa de ser geográfica foi a produção de um alentado trabalho sobre a minha terra natal – o Piauí -, um misto de estudo histórico-geográfico associado a memorialismo, já que foi centrado na saga familiar, abrangendo quatro gerações (1850-1950), tomada como “meio” da caracterização histórica e sócio-econômica sobre aquele Estado tão pouco conhecido. Disso resultou um conjunto de cinco volumes, com um total de duas mil páginas, ilustradas por mim. Uma obra muito complexa que, por isso mesmo, permanece inédita mas que, talvez, tenha sido a coisa mais relevante que conseguir produzir.

[O primeiro volume, *Tempo de Balaio*, foi publicado pela Editora da UFSC, em 2007. Os quatro volumes seguintes - *Rua da Glória* - serão lançados neste evento pela Editora da UFPI. A promessa de lançamento desses livros foi feita pelo reitor Luiz dos Santos Júnior e agora cumprida pelo reitor José Arimatéia Dantas].

Outra realização paralela, para mim muito importante, foi a minha colaboração com o Centro de Estudos Brasileiros da Faculdade Internacional de Estudos Culturais da Universidade de Tenri, província de Nara, no Japão, onde atuei nos anos de 1995 a 1997. Nesses dois anos estudei muito e produzi alguns trabalhos sobre o Brasil, alguns publicados, outros inéditos. Tive ensejo de viajar pelo extremo oriente visitando a maior parte dos seus países.” (MONTEIRO, 2008, p.23).

Cito outros trechos do prof. Carlos Augusto para iniciarmos este Simpósio com uma idéia fundamental a respeito da nossa ciência.

“O tema das relações entre o Homem (genérico) ou da Sociedade com a Natureza incide diretamente com o problema crônico da fatal dicotomia que afeta o conteúdo epistemológico da Geografia, em sua divisão entre Geografia Física – Geografia Humana.

Em toda a minha já longa trajetória de aprendiz de geógrafo [...] tenho sido um ardoroso adepto da “unidade” da Geografia, considerando que as divisões a partir de Física e Humana são meras estratégias didáticas para o ensino após o que a multiplicação temática, para fins de

pesquisa, particulariza setores eleitos para um conhecimento mais aprofundado mas cujos resultado devem, forçosamente, convergir para uma integração espacial-temporal mais ampla.

Contra essa fatal dicotomia Físico-Humana que perturba a Geografia, dediquei minha atenção em muitas diferentes abordagens, ao longo de minha travessia. [...]”

Era minha intenção não voltar a tratar desse crônico problema. Contudo, ao tratar nesses últimos dias do tema [...] um novo esforço de leituras e reflexões resultou em novos vislumbres que me animaram a abordar, mais uma vez, os complicados termos das relações Homem-Natureza e as mais significativas “mudanças” ocorridas nos tempos históricos e sua repercussão na Geografia. (MONTEIRO, 2008, p. 73-74).

[...]

“E será, sobretudo, a compreensão desse relacionamento indissolúvel entre o homem e a natureza que assegurará – malgrado o teor e o grau das mudanças – aqueles quatro aspectos fundamentais apontados por Anne Buttimer – poesia, razão, educação e trabalho [tradução livre]. Enquanto houver natureza e o homem sensível capaz de comover-se com a sua organização e sua beleza, o contato direto, na observação do campo, será uma necessidade, a despeito das mais refinadas tecnologia produtoras de imagens. A ordenação dessa observação direta e empírica e seu cruzamento com outras observações poderão fornecer o suporte básico às elocubrações teóricas. Por mais diferentes que assumam os mundos em que vivemos – na permanente dinâmica do eterno fluir, e por isso mesmo – haverá a necessidade absoluta de informar aos adolescentes e crianças as características daqueles mundos em que eles irão ingressar. Isso confirma a permanência e validade do papel da Geografia no processo educativo das novas gerações. E, finalmente, uma Geografia bem conduzida poderá juntar-se, interdisciplinadamente, na elaboração do planejamento, inclusive para as desejadas mudanças que visem construir melhores futuros.” (MONTEIRO, 2008, p.96).

Por tudo isso, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro é motivo de orgulho para todo o Brasil, em especial, para nós, piauienses, seus conterrâneos.